

**A mangueira na neve: a poesia de Age de Carvalho
traduzida para o alemão por Curt Meyer-Clason***
*The mango trees in the snow: Age de Carvalho's poetry translated to the German by Curt
Meyer-Clason*

Thomas STRÄTER[†]
Universidade de Heidelberg, Alemanha

RESUMO: Este artigo se detém no estudo comparativo da tradução de poemas de Age de Carvalho para o alemão, e de seus originais, realizada por Curt Meyer-Clason, e publicadas na edição bilíngue *Sangue-Gesang*, de 2006, na Alemanha, detendo-se na apresentação minuciosa do tradutor alemão e na análise dos problemas tradutórios por ele enfrentados. Através do estudo das escolhas realizadas e em cartas trocadas entre o poeta brasileiro e seu tradutor, o artigo acompanha o desenvolvimento de imagens, evocações e alusões da tradução em relação ao seu original e como o Meyer-Clason põe em prática uma tradução literal que situa o leitor o mais próximo do texto-fonte.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução literária; Age de Carvalho; Curt Meyer-Clason

ABSTRACT: This article focuses on the comparative study of the translations of Age de Carvalho's poems to the German, by Curt Meyer-Clason, comparing the translations to the originals, in the 2006 edition of *Sangue-Gesang*, published in Germany. It approaches the detailed translation made by Meyer-Clason and the translation problems he faced. Through the analysis of his translation choices and the letters exchanged with the poet, the article keeps track of the development of the images, suggestions and allusions of its translation in comparison to its original and how the translator chooses a literal approach in order to place the reader closer to the original text.

KEYWORDS: Literary translation; Age de Carvalho; Curt Meyer-Clason.

Introdução

Foi com acurada sensibilidade que o renomado filósofo e crítico literário Benedito Nunes destilou a essência cruel dos poemas publicados em *Arquitetura dos ossos*, a estreia em livro de

Excerto da longa conferência proferida no III Simpósio Tradumemo, realizado no campus da UFPA em 2015.

[†] Professor Doutor em Literatura do Departamento de Português do Instituto de Tradução e Interpretação da Universidade de Heidelberg, Alemanha. E-mail: aguirre.straeter@t-online.de

Age de Carvalho, seu conterrâneo paraense: “Em seus versos líricos, de amplitude dramática, com ima-gens explosivas, barrocas, a arquitetura torna-se um edi-fício de escombros: a experiência do ‘paraíso perdido’ da infância e a *saison en enfer* da floresta amazônica incinerada” (NUNES, 2006).

Há trinta anos que o autor desta poesia em construção e de destruição já não vive em sua Belém natal, radicado entre a Áustria e a Alemanha onde, em 2006, viria a lume pela editora Kato, de Berlim, a sua primeira coletânea de poemas em língua alemã, edição bilíngue com tradução de Curt Meyer-Clason. O título do livro: *Sangue-Gesang*. Estas palavras gêmeas não representam — como um leitor alemão que desconheça o português possa talvez supor — uma tradução literal da palavra portuguesa ‘sangue’, que em alemão seria corretamente traduzida por *Blut*, mas associação livre ou, melhor dito, uma tradução poética: ela tem como intenção sugerir uma conexão semântica-fonológica com a palavra seguinte do título, a alemã *Gesang*. Esse *Gesang*, por sua vez, seria traduzido literalmente para o português por ‘canto’, ‘canção’ ou ‘voz’. Desta maneira o título composto *Sangue-Gesang* abre espaço para um universo poético em que as assonâncias dos vocábulos revelam sentidos até então recônditos, ligados entre si por parentesco secreto: estes poemas escritos em português oscilariam assim num ambiente geográfico e cultural determinado pela língua alemã entre o canto do sangue e o sangue do canto, entre o canto sangrando e o sangue cantando.

Como reza o poema “No Graben”, alusão à rua principal do centro de Viena, com o seu famoso monumento erigido à peste que assolou a cidade em tempo remoto, em que aparece originalmente a fórmula deste *Sangue-Gesang*:

(...)
A cidade passeia
em ti

quando o sangue-Gesang
ressoa invertido, oral, do mundo
para dentro,
(...)

Na tradução alemã:

Die Stadt geht in Dir
spazieren,

wenn der Sangu-Gesang
invertiert, mündlich, von der Welt
inwärts wiederholt,
(...)

(CARVALHO, 2006, p. 30 seg.)

Intitulei minha palestra “A mangueira na neve” a partir de um verso de Age de Carvalho que refere a uma “mangueira nevada”. Esta imagem poética de uma árvore tropical traduzida e trazida para o além-mar poderia ser interpretada como metáfora da própria existência do poeta, transplantada deliberadamente do seu habitat de nascença, infância e juventude numa região equatorial para as latitudes do hemisfério norte. Talvez o nome Carvalho, comum no Brasil como em Portugal, já seja sombra de porvir do seu destino biográfico: esta árvore, carvalho, possui significado emblemático na Alemanha: *die deutsche Eiche*, o carvalho alemão, na sua grandeza e seu esplendor, é considerado como a árvore mítica e símbolo por excelência da cultura germânica desde sempre. Não quero forçar mais aqui o dístico romano *nomen est omen*. Seja como for, é a flora, a natureza manifestada em plantas, árvores, flores e arbustos, frequentes na poesia de Age, que nos acompanhará mais de perto no decurso de minha apresentação. Através dela gostaria de apresentar o autor de *Sangu-Gesang* nas traduções para o alemão de Curt Meyer-Clason.

1 – O tradutor Curt Meyer-Clason

O mais fecundo dos tradutores e um incansável mediador, promotor e divulgador da literatura brasileira na Alemanha na segunda metade do século xx foi, sem dúvida, Curt Meyer-Clason, falecido em 2012 aos 101 anos de idade. Foi o tradutor dos grandes clássicos da literatura brasileira desde Machado de Assis, passando por Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Drummond, Cabral, Clarice, entre outros da “idade de ouro” da literatura brasileira, sem mencionar os escritores portugueses e tantos outros de língua espanhola que igualmente traduziu.

Nasceu em 1910 em Ludwigsburg, na Alemanha.

Seu credo tradutológico poderia se resumir mais como uma ten-dência auricular-musical do que visual: “Como tradutor, o meu ouvido pa--rece ter sobrepujado o olhar. O som de um texto sempre foi para mim- mais importante que sua imagem lingüística” (minha tradução, cf. Meyer-Clason, 2006, p. 16). Contra o cartesianismo intelectual de um *cogito, ergo sum*, Meyer-Clason decretava em contrapartida um sentir mais musical para os trópicos: “Canto, por isso sou” (cf. Meyer Clason, 2006, p. 16) Neste contexto, seria legítimo expandir tal fórmula da sua tarefa de traduzir e utilizá-la conseqüentemente: poderíamos dizer, portanto, que traduziu cantando, por isso era tradutor. Temos aí quase uma antecipação vocal do título de um livro de poemas à sua espera, anos mais tarde, o já referido *Sangue-Gesang*.

A sua mais bem lograda realização tradutológica ficaria sendo a sua versão para o alemão da obra de Guimaraes Rosa, traduzida quase em sua totalidade, sobretudo a do *Grande sertão: veredas*. Estranhamente, preferiu não traduzir o título original para a edição alemã, deixando-o intocado. Com isso, confrontava o leitor alemão com a reflexão filosófica sobre o ato de traduzir e o conceito do “estranhizante” (*verfremdend*) de Friedrich Schleiermacher, constante em “Sobre os diferentes métodos de tradução” (“*Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*”), datada de 1813, corrente que exerce influência cada vez mais marcante nas traduções contemporâneas (cf. SCHLEIERMACHER, 2010). Adepto de Schleiermacher, Meyer-Clason estava convicto de uma tradução que trouxesse o leitor para o texto em língua estrangeira, em lugar de trazer o texto para o leitor — esta última designada como ‘domesticante’ (*einbürgernd*). O filósofo judeu-tcheco-alemão Vilém Flusser, que residiu em São Paulo até o final dos anos 1960, admitiu a intraduzibilidade do título roseano e sugeriu, por sua vez, uma tradução filosófica-heideggeriana da obra-prima do mineiro: “*Großes Holz: Holzwege*” (Flusser, 1992, p. 149). Retraduzido literalmente para o português, teríamos: “Lenho grande: caminhos de lenha”. *Holz* em alemão significa, primeiramente, ‘lenha’ e daí, metaforicamente e por extensão, o lugar onde se encontra a madeira, o bosque, a selva, a caatinga, enfim, o sertão. *Holzwege*, aliás vocábulo que o filósofo Martin Heidegger usou como título de um dos seus livros, são veredas indefinidas ou caminhos labirínticos sem começo nem fim nos bosques alemães, trilhados para transportar os troncos cortados das árvores para fora da mata: elas conduzem a lugar nenhum. O ditado alemão “*auf dem Holzwege sein*” significa estar no caminho da lenha, que quer dizer: estar errado. Se a tradução de *Grande sertão: veredas* foi saudada e festejada à época de seu lançamento como feito notável, hoje não escapa ao destino histórico de papel cumprido de tantas

outras traduções, mesmo aquelas consideradas insuperáveis: após meio século de existência, envelheceu. Toda época demanda novas traduções — também para a felicidade das editoras. Não existe a tradução definitiva. O brasilianista Bertold Zilly, professor universitário e destacado tradutor alemão, conhecido sobretudo por sua versão de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, prepara atualmente uma nova tradução do *Grande sertão: veredas*. Como era de se esperar, esta tradução terá caráter mais filológico que a anterior. Enquanto Meyer-Clason, um confesso autodidata, dispunha à época apenas de bibliografia incipiente da obra roseana, hoje o número de artigos e estudos em livros sobre diferentes aspectos do *Grande sertão* enchem bibliotecas.

Também cresceram muito o conhecimento e a percepção da arte literária e linguística deste renovador da língua portuguesa no Brasil em dimensões inimagináveis e absolutamente inconcebíveis há meio século atrás. Por outro lado, um tradutor de hoje, em vias de traduzir uma obra literária de autor já falecido, ressent-se da ausência do criador: obviamente já não poderá contar com a assistência do autor, não poderá mais dirigir-se com suas dúvidas e sugestões referentes ao texto. Hoje, a famosa troca de cartas entre Guimarães Rosa e Meyer-Clason transformou-se num clássico dos estudos de tradução, um intercâmbio epistolográfico com indagações, explicações e comentários à certas questões respeitantes à (im)possibilidades de tradução. Felizmente esta correspondência entre autor e tradutor ficou documentada em livro, manual imprescindível a todos aqueles que buscam compreender os problemas no trabalho de tradução. Como lema da sua tarefa de traduzir, Meyer-Clason citava a primeira frase que Guimarães Rosa lhe escrevera em carta: “Traduzir é conviver” (Meyer-Clason, 1998, p. 17 e passim). No caso do nosso poeta Age de Carvalho, essa convivência com o seu tradutor deu-se também através de vários encontros com Meyer-Clason em Munique. Existe igualmente uma grande correspondência de cartas e bilhetes trocados entre o poeta e o seu tradutor. Embora não tenha sido publicada, gostaria de apresentar aqui, mais adiante, alguns exemplos desse diálogo.

2 – “Fulgurantes e instantâneas imagens”¹: A tradução da poesia de Age de Carvalho por Curt Meyer-Clason

No início do anos 1960, Curt Meyer-Clason ainda estava na fase inicial da sua carreira como tradutor. Guimaraes Rosa, após uma pequena amostra de seu trabalho, aceitou-o como

tradutor da sua obra.

Só podemos crer num feliz acaso quando, meio século depois, esse *homme de lettres* com uma lista de traduções dos autores mais renomados do Brasil e condecorado com inúmeros prêmios pelo seu trabalho de recriação, resolve dedicar-se a traduzir um poeta brasileiro da nova geração; e este, por seu turno, sucede alcançar a honra de ter tão emérito tradutor debruçado sobre seus versos. Existe uma correspondência entre Meyer-Clason e Age de Carvalho, abrangendo o período entre 1999 e 2004, quando é publicada na Alemanha a edição de *Sangue-Gesang*.

Evidentemente que Meyer-Clason não cumpre, à primeira vista, uma exigência muitas vezes desejada: um tradutor de poesia deve ser necessariamente também um poeta. Para garantir a perfeição do resultado, deveria existir entre autor e tradutor uma certa congenialidade, uma cumplicidade, uma rivalidade, uma competição entre iguais, como solicitou Elsa Triolet no seu prefácio “L’art de traduire” na antologia *La poésie russe* (cf. Triolet, 1965, p. 9), por ela editada. Embora Meyer-Clason não tenha sido um poeta no sentido estrito da palavra, o talento lírico das suas traduções de poesia, assim como da prosa, permanece como marca visível e audível. Para demonstrar a sua intimidade com a tradução de poesia, basta mencionar aqui as duas antologias dedicadas à poesia brasileira e portuguesa do século xx, além das edições da poesia de Carlos Drummond de Andrade ou João Cabral de Melo Neto que recriou no alemão. E quem se atreveu a aceitar o desafio de traduzir a prosa poética de *Macunaíma* e *Grande sertão: veredas*, tendo na bagagem as traduções de poetas de língua espanhola como Rafael Alberti e Cesar Vallejo, já deu provas mais do que convincentes de poder exercer com pleno direito a tradução de poesia. Como Elsa Triolet conclui: “O tradutor que ama este jogo com seu parceiro cria a felicidade. E dentro destas condições chega-se talvez ao milagre de poemas gêmeos” (*Idem*, p. 9). Vejamos se encontramos esta felicidade lograda no ideal de poemas em duas línguas que merecem ser designados com o epíteto digno de “irmãos gêmeos”.

No total, Meyer-Clason traduziu quarenta poemas para a coletânea *Sangue-Gesang*², oriundos de três livros de Age de Carvalho, escolhidos pelo autor, iniciando-se em sentido contrário ao cronológico, com *Caveira 41*, de 2003 (o de maior número de poemas), seguido por *Pedra-um*, de 1990, e *Arena, areia*, de 1986.

Os poemas reunidos em *Sangue-Gesang* são, em geral, poemas curtos, a maioria deles não

ultrapassando meia página. Um caso raro é “Epitalâmio” (“*Hochzeitsgedicht*”), que chega a ter duas páginas (carvalho, 2006, p. 56 seg.). Neste poema observa-se outra característica da poesia de Age, da maior importância e, por isso mesmo, um aspecto que deve ter sido observado severamente pelo seu tradutor: o design, a imagem gráfica dos poemas. A tipografia na poesia de Age revela uma co-nexão entre a sua formação de arquiteto, que plantou o fundamento para seu trabalho profissional de artista gráfico, e talvez a herança particular do Concretismo brasileiro.

No centro do livro, revelando desta maneira a sua composição premeditada, Age situou um poema dedicado a Meyer-Clason por ocasião do seu nonagésimo aniversário, prestando assim homenagem ao seu ilustre tradutor. De novo encontramos duas árvores, árvores-irmãs, às quais refere-se o título: “As árvores de Heine”. Este poema traz versos em alemão do romântico Heinrich Heine em sua forma original — ou, como se diz hoje na terminologia dos estudos de tradução, no seu texto-fonte (a tradução é chamada texto-alvo). Estabelece-se uma relação intertextual quando um pinheiro do norte, em seu manto de neve, saúda sua árvore-irmã ao sul, uma palmeira.

Aqui te revejo,
um pinheiro:
ein Fichtenbaum steht einsam
im Norden auf kahler Höh.
Teu manto de neve
se arrasta
para o Sul,

er träumt von einer Palme,
sonha aquela,
aquela palmeira,
palmerinha, mata brasileira, da silva

(carvalho, 2006, p. 48 seg.)

O poeta, em carta ao seu tradutor, comentaria assim o poema:

(...) o pinheiro e a palmeira, o frio europeu acenando ao ardor dos trópicos, o Norte abraçando o Sul (pois prefiro ver em Morgenland o nosso Brasil distante, e não a Ásia, infiel ao texto original mas não ao coração). Você sendo tudo isto, o primeiro caboclo alemão legítimo que me passou pela frente, e com que orgulho! (...) Você, o mais brasileiro de todos, brasileiríssimo da silva! Você conhece esta expressão, da silva? Deve conhecer; quer dizer: legítimo, verdadeiro, é também o nome de família mais comum entre os brasileiros; e sobretudo é a selva latina, claro, de onde se conclue que tudo o que é bom e verdadeiro vem do mato (carta de Age de Carvalho a C. Meyer-Clason, Munique, 11 de maio de 2000).

A tradução da palavra ‘silva’, apontada na carta por Age, para designar a ‘brasilidade’ de

Meyer-Clason, foi traduzido por ele no poema como *waschecht*, isto é, ‘autêntico, legítimo’. Traduz perfeitamente o sentido da característica de ser ‘autêntico’, embora sua alusão fonética à reunião de árvores que formam um bosque, ou uma selva, não sobrevive no adjetivo metafórico *waschecht* (que quer dizer em alemão, literalmente, “uma roupa que não se descolore”).

Eis aqui uma dificuldade nas duas línguas: os diferentes gêneros dos vocábulos nas diferentes línguas. ‘Árvore’, em português, é feminino; *der Baum*, em alemão, masculino — embora no plural, *die Bäume*, use-se o artigo definido feminino! Contradições das línguas. Por consequência só no composto *der Fichtenbaum* — uma característica léxica do alemão — a árvore ganha o sexo masculino. O ‘pinheiro’, em alemão, é uma árvore feminina: *die Fichte*. Por outro lado, a palmeira sonhada pelo pinheiro encontra sua parceira na *Palme* alemã, este igualmente feminino. O jogo linguístico deste amor fraternal à distância sendo quase impossível de se resgatar.

Outro desafio para um tradutor de poesia são as aliterações e assonâncias nos textos-fonte: vejam, por exemplo, o verso “o louro latim das folhas” no poema “Mühlauer Friedhof” (Cemitério de Mühlau). Foi traduzido engenhosamente bem por “das blonde Lorbeerlatein der Blätter”, resgatando assim as aliterações numa equivalência impressionante (carvalho, 2006, p. 86 seg.). O cemitério de Mühlau é onde o poeta austríaco Georg Trakl está sepultado em Innsbruck, na Áustria — a ele o poema se refere. Trakl, poeta historicamente situado dentro do expressionismo austro-alemão e admirado por Age, morreu jovem, vitimado por dose letal de cocaína, traumatizado com as experiências desastrosas na I Guerra Mundial.

A palavra inicial do poema é a sílaba ‘Me-’, completada no segundo verso com o verbo ‘dita’, resultando ambos numa nova palavra: ‘medita’. Na tradução alemã: “*Es / meditiert (...)*”, embora aqui a dupla leitura não tenha sido alcançada, a saber: em português, tanto pode-se ter o verbo ‘meditar’ como o verbo ‘ditar’, perdido na transposição para o alemão. Também o jogo com a aliteração e a assonância em ‘neve’/*Schnee* e ‘nevo’/*Muttermal* frustrou-se na tradução, infelizmente.

Outro exemplo, o curtíssimo poema:

De boca no mundo,
arfa a palavra soterrada
de razão e chão,

Grund

Na tradução de M.-C.:

Auf den Mund gefallen
keucht das Wort
vom Verstand und Boden begraben:

Grund
(Carvalho, 2006, p. 88 seg.)

Meyer-Clason apresenta aqui uma tradução bastante livre: da expressão idiomática portuguesa “de boca no mundo”— que quer dizer em alemão *schreien*, “(laut) die Stimme erheben” —, ele recorre igualmente à expressão idiomática em alemão “auf den Mund gefallen” (“cair na boca”), que quer dizer justamente o contrário: “ficar atônito”, “sem palavras”, “sem capacidade de falar”. Através da tradução literal de ‘boca’ por *Mund*, consegue-se estabelecer uma rima distante e uma interrelação com a última palavra do poema — por sinal, em alemão: “Grund”. Esta palavra, *Grund*, por sua vez, significa tanto ‘chão’ quanto ‘razão’, ambas presentes no verso precedente: *Grund*, em alemão, é o chão em que pisamos, a terra e, ao mesmo tempo, a ‘razão’, o conceito filosófico *Vernunft* e também *Verstand*.

Como último exemplo, para ilustrar as dificuldades e, ao mesmo tempo, as soluções brilhantes que Meyer-Clason teve ao ser confrontado com a poesia de Age, apresento aqui o poema “Guia” (“*Führung*”). Seus versos iniciais “Oés-a-esmo, / de esmolar caminho, / seguindo a estrela aviã, via (...)” foram traduzidos literalmente por “*West-aufs-Geratewohl / des Bettelweges, / dem Flugstern folgend, Weg (...)*”, transmitindo satisfatoriamente o sentido opaco de estar num caminho sem rumo (carvalho, 2006, p. 38 seg.). A sua tradução de “sob o troar de latas” por “*unter dem Gedonner der Blechbüchsen*” logrou imitar onomatopeticamente o barulho produzido pelos metais. Os fonemas consonantais de “estrela aviã, via / de reis (...)”, seguidas pelas foneticamente semelhantes ‘Ave’ (que pode ser entendido como saudação mas também como pássaro e, por isso, correspondendo-se com “estrela aviã”) e “Ave / o Talvez” em sua tradução literal em alemão “*dem Flugstern (...), Weg von Königen*” e “*Sei begrüßt, / das Vielleicht*” infelizmente não atingem a intencionada analogia fonética. Os dois últimos versos

“esse um todo / cravejado Se de certezas” encontrou na sua versão alemã “*dieses, ein ganzes / beschlagenes Ob von Oben*” uma tradução inventiva, que não hesitaria de saudar como criativa e congenial.

Enfim, já a aceitação deste duelo de resultado incerto merece ser reconhecido como contribuição tradutológica de grande louvor, onde a cumplicidade entre os aliados contendores acaba por vencer a maioria dos obstáculos.

O que Meyer-Clason fez com os poemas de Age de Carvalho não foi, obviamente, uma tradução interlinear, isto é, uma tradução palavra por palavra, sem uma adaptação à sintaxe alemã. Ele pôs em prática uma tradução literal — no melhor sentido da palavra — *em prosa corrente* com algumas engenhosamente logradas soluções poéticas. Sua tradução desses poemas permite-nos acompanhar o desenvolvimento de imagens, evocações e alusões várias que nos dão acesso ao universo poético de Age de Carvalho. Pode-se concluir que Meyer-Clason limitou-se a produzir com suas traduções textos-alvo que situassem-se o mais próximo possível dos textos-fonte, o que por si já é admirável. Justifica-se numa edição bilíngue esta tendência de se traduzir literalmente, aproximando os versos em português às regras de sintaxe no texto-alvo: a leitura ideal torna-se uma leitura intertextual entre os dois poemas. É fato a riqueza sonora e rítmica na composição das palavras de língua portuguesa, com a predominância de suas vogais, de difícil equivalência em alemão. Uma outra opção teria sido, talvez, uma tradução de natureza, digamos, *antropofágica*, como Haroldo de Campos a propagou e defendeu (v. Sträter, 2015). Criando o conceito da *transcrição* para as suas traduções, ele enfatizaria radicalmente o aspecto criativo dessa conversão, reivindicando para si status de igual valor ao da obra original, jamais a de papel secundário. Exemplo deste seu empreendimento vemos na sua tradução parcial do *Fausto*, antropofagicamente intitulado *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*, entrelaçando assim a obra clássica da literatura alemã ao já também clássico filme do Cinema Novo, de Glauber Rocha (cf. Campos, 2005).

De volta aos poemas de Age de Carvalho traduzidos por Meyer-Clason: a impressão que esses poemas traduzidos transmitem ao serem lidos — de preferência, em voz alta — é a de que vivem, vibram e respiram como seus irmãos-gêmeos em língua portuguesa, autônomos enfim na língua de chegada.

Poder-se-ia desejar algo mais que isso?

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. “Die Aufgabe des Übersetzers” / “A tarefa do tradutor”, trad. de Susana Kampff Lages, *Clássicos da teoria da tradução: antologia bilíngue*, vol. I alemão-português, 2a. ed., revisada e ampliada, organização Werner Heidermann. Florianópolis, SC: UFSC p. 202-233, 2010.

CAMPOS, H. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe. Marginália faustica (leitura do poema acompanhada da transcrição em português das duas cenas finais da segunda parte)*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARVALHO, A. *Sangue-Gesang*, Gedichte aus dem brasilianischen Portugiesisch von Curt Meyer-Clason und mit einem Nachwort von Benedito Nunes, 2006.

CARVALHO, A. *Ainda: em viagem*, poesia. Belém. UFPA, 2015.

FLUSSER, V. *Bodenlos: eine philosophische Autobiographie*, m. e. Nachwort v. M. Vargas. Düsseldorf/Bensheim: Bollman, 1992.

Genzler, E. (Org.) *Translation and Identity in the Americas: New Directions in Translation Theory*. London/New York: Routledge, 2008.

KÜPPER, K. *Bibliographie der brasilianischen Literatur. Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung*, m. e. Vorw. v. B. Zilly. Frankfurt am Main: Verlag Klaus Küpper, Köln in Zusammenarbeit mit TFM, 2013.

MEYER-CLASON, C. *Portugiesische Tagebücher (1969-1976)*. Bergisch-Gladbach: Lübbe, 1987.

_____. *Ilha Grande: Essay*. Wien: edition München, 1998.

NUNES, B. “Posfácio” para *Sangue-Gesang*, originalmente publicado na *Folha de São Paulo*, 18.8.1990, traduzido para o alemão por Katrin Nissel, 2006.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens” / “Sobre os Diferentes Métodos de Tradução”, trad. de Celos R. Braidá, *Clássicos da teoria da tradução: antologia bilíngue*, vol. I alemão-português, 2a. ed., revisada e ampliada, organização Werner Heidermann. Florianópolis, SC: UFSC, p. 38-103, 2010.

STRÄTER, T. “Kannibalisches Übersetzen in Brasilien”. *Tabu und Übersetzung*, hg. Jekatherina Lebedewa unter Mitarbeit von Anja Holderbaum [Reihe *Ost-West-Express. Kultur und*

Übersetzung, herausgegeben von Jekatherina Lebedewa und Gabriela Lehmann-Carli]. Berlin: Frank & Timme, p. 83-104, 2015.

TRIOLET, E. (Org.) *La poésie russe*, Paris: Editions Seghers, 1965.